

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

SELMARA CAROLINE NUNES DA SILVA

**ATUAÇÃO DO PEDAGOGO E O PROCESSO
EDUCOMUNICATIVO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: REFLEXÕES
SOBRE EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS EM JUAZEIRO -
BAHIA**

Juazeiro/BA

2022



SELMARA CAROLINE NUNES DA SILVA

ATUAÇÃO DO PEDAGOGO E O PROCESSO EDUCOMUNICATIVO EM
ESPAÇO NÃO FORMAL: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS
DESENVOLVIDAS EM JUAZEIRO - BAHIA

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas – DCH-III da Universidade do Estado da Bahia - UNEB como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Josenilton Nunes Vieira

Juazeiro/BA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S586 Silva, Selmara Caroline Nunes da

Atuação do pedagogo e o processo educacional em espaços não formais: reflexões sobre experiências desenvolvidas em Juazeiro – Bahia / Selmara Caroline Nunes da Silva. Juazeiro-BA, 2022.
43 fls.: il.

Orientador (a): Prof. Dr. Josenilton Nunes Vieira.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1. Educação. 2. Espaço não formal. 3. Relato de experiência. I. Vieira, Josenilton Nunes. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD:

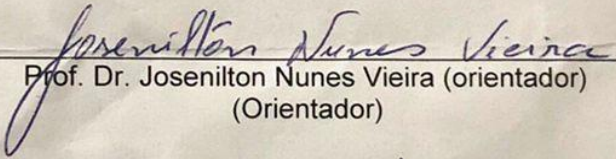
SELMARA CAROLINE NUNES DA SILVA

ATUAÇÃO DO PEDAGOGO E O PROCESSO EDUCOMUNICATIVO EM
ESPAÇO NÃO FORMAL: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS
DESENVOLVIDAS EM JUAZEIRO - BAHIA

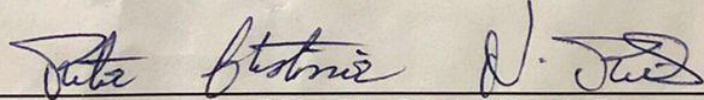
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade do
Estado da Bahia – UNEB/DCH III como requisito parcial para a obtenção do
título de Graduação em Pedagogia.

Aprovado em: 28/12/2022

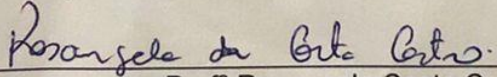
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Josenilton Nunes Vieira (orientador)
(Orientador)



Profª Ma. Rita Cristina Novais Rios
(Membro)



Profª Rosângela Costa Castro
(Membro)

Dedico a Deus, por sempre guiar meus passos.
Dedico a minha família, que sempre será imprescindível.
E a todos, que de alguma forma contribuíram para a construção desse
trabalho.

RESUMO

A Educomunicação se apresenta como um estudo a partir da relação entre a Comunicação e a Educação, mediante a inserção de elementos comunicacionais no espaço de aprendizagem. A presente pesquisa, tem como objetivo investigar o papel do pedagogo no desenvolvimento de práticas pedagógicas educacionais em espaço não formal de educação com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Tendo como espaços de pesquisa, as experiências vividas em dois projetos desenvolvidos na casa de acolhimento Rosa Menina, relacionando os conhecimentos entre os projetos sociais Casa Dom Jose Rodrigues e Projeto Social Lions Club desenvolvido pelo professor de música Wellington, todos configurados como espaços não formal, que exerce um trabalho pedagógico, com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. O trabalho é composto por reflexões sobre essas quatro experiências pedagógicas citadas, ao longo do texto, foi possível responder ao problema central da pesquisa, evidenciando, qual é o papel do pedagogo no desenvolvimento de práticas pedagógicas educacionais, em espaço não formal de educação com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Tendo como base teórica alguns autores específicos da área, que conceituam espaços não formais, o que é educomunicação, infância e o papel do pedagogo sobre a educação. A metodologia utilizada no trabalho, seguiu o caminho de uma abordagem qualitativa e, se configura num estudo de campo. As técnicas e instrumentos de coleta de dados foram, a observação participante, diário de bordo, entrevistas, análise documental e anotações em geral. Através das experiências, foi possível constatar, a capacidade de ressignificar os valores e vidas nestes espaços, assim como também, perceber o poder da educomunicação para transformar o dia a dia dessas crianças e adolescentes. Ressaltou-se que a pedagogia e a educomunicação estão presentes em ambientes não formal de educação e exerce um papel transformativo, ajudando a constituir modos de ver, perceber, sentir, conhecer, reorientando práticas, e configurando padrões de sociabilidade.

Palavras-chave: Educomunicação. Pedagogia. Aprendizagem. Educação não formal.

ABSTRACT

Educommunication presents itself as a study based on the relationship between Communication and Education, through the insertion of communication elements in the learning space. This research aims to investigate the role of the pedagogue in the development of educommunicative pedagogical practices in a non-formal education space with children and adolescents in situations of social vulnerability. Having as research spaces, the lived experiences in two projects developed in the Rosa Menina guest house, relating the knowledge between the social projects Casa Dom Jose Rodrigues and the Social Lions Club Project developed by the music teacher Wellington, all configured as non-formal spaces, which carry out pedagogical work with children and adolescents in situations of social vulnerability. The work is composed of reflections on these four pedagogical experiences mentioned, throughout the text, it was possible to respond to the central problem of the research, evidencing what is the role of the pedagogue in the development of educommunicative pedagogical practices, in a non-formal space of education with children and adolescents in situations of social vulnerability. Having as a theoretical basis some specific authors in the area, who conceptualize non-formal spaces, what is educommunication, childhood and the role of the pedagogue in education. The methodology used in the work followed the path of a qualitative approach and is configured in a field study. The data collection techniques and instruments were participant observation, logbook, interviews, document analysis and notes in general. Through the experiences, it was possible to verify the ability to reframe the values and lives in these spaces, as well as to perceive the power of educommunication to transform the daily lives of these children and adolescents. It was emphasized that pedagogy and educommunication are present in non-formal education environments and play a transformative role, helping to constitute ways of seeing, perceiving, feeling, knowing, reorienting practices, and configuring patterns of sociability.

Key words: Educommunication. Pedagogy. Learning. Non-formal education.

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	6
2.0 REVISÃO DE LITERATURA - EDUCOMUNICAÇÃO E PEDAGOGIA – UM ELO SOCIAL TRANSFORMATIVO	9
2.1 ESPAÇOS NÃO FORMAIS	9
2.2 O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO	11
2.3 INFÂNCIA.....	13
2.4 DIREITOS DAS CRIANÇAS E FATORES SOCIAIS	16
2.5 PAPEL OU ATUAÇÃO DO PEDAGOGO	18
3.0 METODOLOGIA	21
4.0 REFLEXÕES: PROJETO EDUCOMUNICATIVO EM ESPAÇO NÃO FORMAL	25
4.1 PROJETO MEU LUGAR NO MUNDO	26
4.2 PROJETO 7ª ARTE.....	29
4.3 PROJETO CASA DOM JOSE RODRIGUES.....	34
4.4 PROJETO SOCIAL - LIONS CLUB - PROFESSOR DE MÚSICA WELLINGTON.....	35
5.0 CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS.....	40

1.0 INTRODUÇÃO

A presente monografia é resultante das minhas reflexões, enquanto estudante de Pedagogia, a respeito de práticas educacionais que ocorrem em espaços não formais de educação no município de Juazeiro – BA. Tais reflexões, adquiriram um caráter sistemático com o projeto de pesquisa elaborado com a finalidade de produção do Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

O projeto me proporcionou a oportunidade de investigar práticas educacionais em três espaços educativos, sendo estes espaços configurados não formal. Os locais de pesquisa foram a instituição Rosa Menina que acolhe crianças de 0 a 17 anos, vítimas de violência e abandono, em um contexto de vulnerabilidade social. A Casa Dom José Rodrigues, que se localiza atualmente no bairro Piranga na cidade de Juazeiro-BA, existente desde de outubro de 2021. A Casa pertence à Diocese de Juazeiro e foi adaptada para abrigar esse projeto social voltado para crianças e adolescentes, e por fim o Projeto social desenvolvido pelos Lions Club em parceria com CRAS - BA – através da atuação do professor Wellington, que desenvolve um trabalho voluntário em várias instituições carentes no município de Juazeiro-ba.

A pesquisa tem como objeto de estudo a Pedagogia e Pedagogos, e suas atuações em espaços não formais de educação. Para tanto, tem como problema de pesquisa a seguinte questão: Qual é o papel do pedagogo no desenvolvimento de práticas pedagógicas educacionais, em espaço não formal de educação, com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social?

O objetivo geral da pesquisa, foi investigar o papel do pedagogo no desenvolvimento de práticas pedagógicas educacionais em espaço não formal de educação com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Nesse sentido me dediquei a descrever, analisar e refletir sobre as práticas pedagógicas, desenvolvidas em processos educacionais nos espaços acima mencionados, para compreender como o pedagogo pode exercer seu papel e como o fazer pedagógico e a educação se

consolida, mesmo diante das limitações sociais encontradas, afim de contribuir na melhoria da condição dessas crianças, que são privados de muitas de suas necessidades, inclusive o direito a infância, enfim o direito à liberdade.

Visando o alcance do objetivo geral, estabeleci os seguintes objetivos específicos: identificar possíveis propostas pedagógicas educacionais que pudesse ressignificar as experiências vividas por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade; analisar o modo como o pedagogo exerce seu papel educacional em espaços não formais de educação; demonstrar o papel da pedagogia em diversas áreas educacionais, produzindo e difundindo conhecimentos sobre o campo educacional.

O interesse pelo assunto abordado nesta pesquisa, resulta de dois projetos educacionais, desenvolvidos neste espaço, onde a partir da observação foi possível perceber a dificuldade de se introduzir métodos e propostas pedagógicas no convívio daquelas crianças e adolescentes, pelo fator social das mesmas, ser um tanto constrangedor, por se encontrarem naquele ambiente protegidas pela justiça, por ter sofrido algum tipo de abuso seja ele de qual esfera for.

O interesse pela pesquisa também tem uma relevância pessoal, pois surgiu a partir de um interesse de contribuir de alguma forma com algo para o futuro desses sujeitos, pois a maioria deles, não tem apoio de nenhum membro familiar, e está lá justamente por maus tratos por parte da família. Para tanto, a minha intenção foi de levar um pouco de mim para acrescentar na formação de identidade dos mesmos e trazer um pouco de cada um deles na construção da minha formação enquanto pedagogo.

A pesquisa busca também ser relevante para a educação, pois tem como finalidade, deixar clara a importância do profissional especialista em educação em qualquer âmbito. É importante ressaltar, todas as funções do pedagogo, adentrando assim no mundo de conhecimento docente.

A sociedade estará mais bem amparada sob o olhar do pedagogo, pois ele promove a integração e a orientação entre família, escola e comunidade. O pedagogo é um profissional capaz de responder às diversas demandas e exigências de uma sociedade cada vez mais complexa. Para tanto, precisa estar preparado para enfrentar com criatividade e competência, os problemas

do cotidiano, ser flexível, tolerante e atento às questões decorrentes da diversidade cultural que caracteriza nossa sociedade.

Diante do exposto, trago como embasamento teórico a conceituação de espaços não formais, para que se possa compreender o fazer pedagógico neste ambiente, o que é educomunicação que é o caminho no qual iremos percorrer, a concepção de infância e os direitos da infância abordados no ECA, e o papel do pedagogo, tendo como perspectiva, que através de projetos educ comunicativos, o sujeito consiga envolver-se sendo protagonista de sua própria história.

Apresento nas próximas linhas, as experiências vividas em dois projetos desenvolvidos na casa de acolhimento Rosa Menina, que junto com alguns discentes, em semestres anteriores conceituamos como: Meu lugar no mundo e Sétima arte. Demonstro como foi a vivência de cada encontro, as atividades propostas, as mudanças encontradas durante os projetos e o que conseguir perceber depois das ações como resultados. Na busca para sistematizar o conhecimento e responder o problema central da pesquisa, também discorro sobre os trabalhos desenvolvidos em mais dois espaços que se configura como espaços não formal de educação, o Projeto Casa Dom Jose Rodrigues e o Projeto social Lions Club através do professor Wellington, buscando responder como funciona, quais suas ações, as atividades sugeridas e o que foi possível perceber através das observações e entrevistas.

Esse desafio de planejar e elaborar a pesquisa nesses espaços proporcionou uma troca de conhecimento significativa, cada momento, atividades postas, vivências, observações, entrevista mostrou o peso educacional que o campo não formal tem sobre os indivíduos atuantes, a mudança que ela exerce diretamente na sociedade através das crianças e adolescentes é visível e real. Assim, em detalhes me dediquei em transmitir as ações e seus efeitos, as atividades e seus resultados e conhecer como o papel do pedagogo nesses espaços se desenvolve e quais as práticas pedagógicas educ comunicativas conseguir encontrar diretamente através das ações.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA: EDUCOMUNICAÇÃO E PEDAGOGIA – UM ELO SOCIAL TRANSFORMATIVO

A pesquisa é norteada e embasada por alguns conceitos importantes, tendo como referências base, para o entendimento do tema proposto. Nessa sessão irei explanar sobre os conceitos norteadores.

Começamos pelo conceito de espaços não formais, uma ferramenta importante no processo de construção da identidade e educação de indivíduos. A pesquisa mostra, que a educação não formal, não substitui a formação escolar, todavia, complementa-a. Conceituamos também o viés principal da pesquisa, o termo Educomunicação, que abrange e contempla cada parte dessa pesquisa, mostrando uma nova forma e caminho de percorrermos através do conhecimento. Trago em sequência a concepção de infância e os Diretos de Crianças e Adolescentes abordados pelo ECA, visando assegurar que durante as reflexões os sujeitos estejam amparados por todos os seus direitos fundamentais estabelecidos.

E como conceito final, busco entender o papel do pedagogo e da pedagogia em meio as diversas práticas educativas, abrindo novas possibilidades para o futuro educacional.

Te convido a acompanhar nas próximas linhas, a explanação com mais detalhes, de cada conceito aqui citado.

2.1 ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Há de se considerar antes de qualquer discussão, que a partir dos estudos é possível afirmar que a educação não formal não deve ser substituída pela educação formal, pois a mesma tem seu valor de extrema importância na vida dos sujeitos:

Quando presente na fase de escolarização básica de crianças, jovens/adolescentes ou adultos, como observamos em vários dos projetos sociais analisados, ela potencializa o processo de aprendizagem, complementando-o com outras dimensões que não tem espaço nas estruturas curriculares. (GOHN, 2009, p.42)

Porém o que deve existir é um caráter complementativo da educação formal com a não formal, para que o sujeito tenha acesso e desenvolvimento de valores, acreditando que a aprendizagem se dá por meio das práticas sociais, respeitando as diferenças existentes para a absorção e elaboração dos conteúdos implícitos ou explícitos no processo ensino e aprendizagem.

Ela não substitui a escola, não é mero coadjuvante para simplesmente ocupar os alunos fora do período escolar – chamada por alguns de escola integral ou educação permanente. A educação não-formal tem seu próprio espaço de formar cidadãos, em qualquer idade, classe sócioeconômica, etnia, sexo, nacionalidade, religião etc., para o mundo da vida! Ela tem condições de unir cultura e política (aqui entendidas como *modus vivendi*, conjunto de valores e formas de representações), dando elementos para uma nova cultura política. (GOHN, 2009, p.42)

Após essa reflexão, explanaremos discussões em torno do conceito de educação não formal. Segundo a autora Maria da Gloria Gohn a educação não formal concretiza-se além dos extramuros escolares, ela afirma que educação não formal se caracteriza como:

Um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc. São processos de auto-aprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc. (GOHN, 2009, p.31)

Percebe-se que a educação não-formal é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, e parte integrante da constituição dos seres humanos enquanto pessoas, que agem na intenção de mudanças de realidades. Gohn (2006) em seu texto responde algumas perguntas sobre a educação não formal que se faz importante explicar aqui, para um melhor entendimento desse conceito:

“Como se educa? Em que situação, em qual contexto?”

Ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de

cada um. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. “Qual a finalidade ou objetivos desse campo de educação?”

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc..

“Quais são os principais atributos dessa modalidade educativa?”

A educação não-formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/ idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da auto-estima e do empowerment do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo. Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo. (GOHN, 2006)

É possível concluir após a explicação de todas as dúvidas que giram em torno do conceito de educação não formal, que ela se torna imprescindível na vida de qualquer ser que esteja inserido na sociedade, pois lhe capacita para a vivência em seu meio, tornando-o mais humano capaz de gerir mudanças na sociedade, por estar inserido num setor educativo heterogêneo e rico em potencialidades futuras.

2.2 O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO?

Vivemos hoje numa sociedade destacada por mudanças estruturais, uma delas seria a sociedade do midiático marcada por inúmeras possibilidades para educação e aprendizagem, que ponham em prática o uso das diversas tecnologias. O termo educomunicação é recente e está ligado a pesquisalatinamericano, que designam práticas pedagógicas ligadas a formação dos indivíduos frente a manipulação da mídia de massa. Falaremos do conceito de educomunicação de alguns desses especialistas a seguir. Martín-Barbero (2014) definiu a educomunicação como:

Um processo educativo que permite aos alunos apropriarem-se criativamente dos meios de comunicação; integrar a voz dos estudantes ao Ecosistema Comunicativo da escola e, em última instância melhorar a gestão do ambiente escolar com a participação dos educandos. (MARTIN-BARBERO,2014)

Sendo assim, a educomunicação deixa o espontaneísmo dos processos comunicativos para refletir sobre ele. Voltando-se para o planejamento de uma ação de pessoas, dentro de um ecossistema garantindo que os sujeitos sociais envolvidos tenham possibilidade de expressar-se de maneira igual, ou seja todos os envolvidos são criadores não somente o mediador, essa é a real intenção da educom, que o todo seja os criadores, pois todos são aprendizes, porque todos temos o que socializar, independente de idade, formação acadêmica, ou posição social de cada sujeito. Para Citelli:

O conceito de educomunicação traz consigo uma dimensão complexa e que talvez não mais se explique apenas apontando determinados nexos ou interfaces que imantam comunicação e educação. Trata-se de reconhecer, agora, a existência de um campo inter e transdisciplinar, cujos lineamentos deixam de ser dados, apenas, pelos apelos, certamente necessários de se introduzirem os meios e as novas tecnologias na escola, e se expandem, sobretudo, para um ecossistema comunicativo que passou a ter papel decisivo na vida de todos nós, propondo valores, ajudando a constituir modos de ver, perceber, sentir, conhecer, reorientando práticas, configurando padrões de sociabilidade. (CITELLI e COSTA, 2011, p. 7)

Falar em “Educomunicação”, é falar em trocas constantes entre educadores e comunicadores, na intenção de produzir novas formas de conhecimento e atingir aqueles que muitas vezes não conseguem absorver a aprendizagem por falta de inovação educativa.

Nesse contexto, estamos inseridos constantemente em diferentes espaços educativos, uma grande rede que se entrelaça: a escola, a família, o trabalho, grupo de amigos, a rua, o bairro, a cidade enfim, todos os espaços nos educam e nos possibilita formas de exercer nossas funções de educadores transformando cada ambiente “educativo” em ambiente “educativo”, descobrindo, refletindo e transformando o fazer educativo na prática.

Podemos destacar significados e indicadores de ambientes educativo como:

- 1- Espaços coletivos e democráticos;

- 2- Gestão participativa e crítico-reflexiva
- 3- A não “monopolização do poder”, pois o produto é resultado de um trabalho coletivo;
- 4- Envolvimento de tecnologias e criatividade;
- 5- Construção do conhecimento de forma criativa e livre;
- 6- Inter e transdisciplinaridade que proporcionem a diversidade e diálogos entre os saberes

Esse novo campo que nasce da junção da educação com a comunicação pode ser encarado como uma metodologia que pensa e pratica a comunicação seja ela comunitária, juvenil, escolar ou em qualquer esfera de forma colaborativa.

2.3 INFÂNCIA

Para falar um pouco sobre infância é preciso explicar como e a partir de que momento histórico, a infância tem seu conceito aceito, e sua concepção formada, considerando a criança e a infância como objetos de pesquisa.

A preocupação com a criança e sobre o processo histórico da infância encontra-se presente somente a partir do século XIX, assim como as pesquisas que levasse em consideração o processo histórico da criança e seus registros historiográficos. Para Narodowski (1993) a infância é um fenômeno histórico e não meramente natural, e as características da mesma no ocidente moderno podem ser esquematicamente delineadas a partir da heteronomia, da dependência e da obediência ao adulto em troca de proteção.

Antes do século XVI a vida era relativamente igual para todos. Adultos e crianças eram tratados de forma igual, os estágios não eram demarcados:

“Obviamente, isto não significa negar a existência biológica destes indivíduos. Significa, em realidade, reconhecer que antes do século XVI, a consciência social não admite a existência autônoma da infância como uma categoria diferenciada do gênero humano. Passado o estrito período de dependência física da mãe, esses indivíduos se incorporavam plenamente ao mundo dos adultos (Levin, 1997).

Para tanto não se tinha noção das fases da vida, Aries (1973) “demonstra que “durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças,

estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Na sociedade medieval não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida”.

A partir do XXII, surgia então a primeira concepção de infância, a partir do pensamento de dependência. Pouco a pouco os adultos passaram a se preocupar com as crianças “foi, então, a partir das ideias de proteção, amparo, dependência, que surge a infância. As crianças, vistas apenas como seres biológicos, necessitavam de grandes cuidados e, também, de uma rígida disciplina, a fim de transformá-las em adultos socialmente aceitos.” (Levin, 1997)

Mas já a partir do século XXIII, lentas transformações começaram a ser operadas no interior da família e da sociedade em geral, ocasionando o surgimento do “sentimento de família” segundo Moreira e Vasconcelos (2003) “Nesse período, a criança foi nascendo socialmente, considerada como um ser dependente, frágil, ignorante e vazio, que precisava ser treinado para ser um bom cidadão, cabendo à família a responsabilidade pela sua socialização”.

Os conceitos de infância começam a surgir e podem demonstrar diferentes significados de acordo com as referências que utilizamos. O Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA) por exemplo considera criança a pessoa com idade inferior a doze anos, podendo então afirmar que o quadro brasileiro define o conceito de criança pelo critério etário e pelo aspecto biológico.

Para Kuhlmann Júnior (2001):

[...] considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto de experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras da história. (KUHLMANN JÚNIOR, 2001, p.31)

Para Silveira (2000), a definição de infância está ligada à ótica do adulto, e como a sociedade está sempre em movimento, a vivência da infância muda conforme os paradigmas do contexto histórico. Dessa forma, a dimensão da construção de uma concepção de infância, pelos intelectuais, nos leva a uma questão: os formuladores de uma concepção de infância são, em sua maioria,

os adultos. Dessa forma, pensar a infância pode ser, uma busca por algumas evidências articuladas à família e, também, no mundo moderno, à escola.

Faz-se necessário lembrar que as definições de infância podem tomar diferentes formas de acordo com as diversas concepções. A palavra infância evoca um período da vida humana. Para o Dicionário Aurelio por exemplo criança significa “menino ou menina no período da infância. Pessoa estouvada, pouco séria, de pouco juízo.” E Infância significa “de criança; próprio de criança. Inocente, pueril, ingênuo”. Na sua origem etimológica, o termo “infância em latim é in-fans, que significa sem linguagem”. (Dicionário Aurelio).

Conforme Oliveira (1989), a infância se designe como:

[...] a primeira idade que planta os dentes, essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado enfant (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras, pois ainda não tem seus dentes bem ordenados nem firmes, como dizia Isidoro e Constantino (OLIVEIRA, 1989, p. 80)

E ainda, se tem buscado evidenciar a presença de uma diversidade de infâncias, recusando uma concepção uniformizadora desta: “as crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças” (SARMENTO, 2004, p.10).

[...], contudo, as formas de ver as crianças vêm, aos poucos, se modificando, e atualmente emerge uma nova concepção de criança como criadora, capaz de estabelecer múltiplas relações, sujeito de direitos, um ser sócio-histórico, produtor de cultura e nela inserido. (Brasil, 2006, p.8)

Ao analisar o desenvolvimento da história do conceito de criança demonstrado pelos vários estudiosos, Andrade (2010) afirma que “é possível constatar uma compreensão complexa e contraditória do que seja a criança e a infância e o seu papel na sociedade. Permitindo-nos perceber, portanto, a importância da desconstrução das representações sociais sobre as crianças para que elas verdadeiramente possam assumir a condição de sujeitos de direitos, nos diversos espaços onde estiverem inseridas.”

2.4 DIREITOS DAS CRIANÇAS E FATORES SOCIAIS

É sabido que desde 1990 foi aprovada a lei nº8.069 de 13 de julho de 1990, referente ao Estatuto da Criança e do Adolescente – (ECA), que garante diversos direitos, cuidados e proteção destinados às crianças e adolescentes de forma integral garantindo-lhes um pleno desenvolvimento físico, moral, social, e psicológico, bem como liberdade dignidade e preparação para a vida adulta.

Nesta lei define-se como criança e adolescente a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. A partir do Estatuto, crianças e adolescentes brasileiros, sem distinção de raça, cor ou classe social, passaram a ser reconhecidos como sujeitos de direitos e deveres, considerados como pessoas em desenvolvimento a quem o estado deve prioridade absoluta.

De acordo com o ECA, no artigo 3º:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

O ECA estabelece direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, e também aborda questões de políticas de atendimento, medidas protetivas ou medidas socioeducativas, entre outras providências.

Entretanto, apesar das crianças e adolescentes terem seus direitos garantidos por lei há cerca de 28 anos; atualmente muitas delas vivem em situação de grande vulnerabilidade social por causa de diversos fatores que vão desde a família, quanto à outras frustrações sociais. Mas, sem dúvidas o fato é que quem tem o maior peso como espelho determinante do desenvolvimento pleno de crianças e adolescentes é a família.

O ECA (1990) reforça essa lógica quando afirma: No artigo 4º

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

A família é o principal núcleo onde as crianças e adolescentes serão formados, criados, educados e inseridos na sociedade. Por isso, a mesma dever ser sempre saudável, equilibrada e responsável afim de manter vínculos fundamentais com as crianças e adolescentes pelos quais são responsáveis. Kaloustian e Ferrari(1994) pontuam que “a família é responsável pelos aportes afetivos e materiais necessários para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, garantindo assim a sua sobrevivência e proteção integral.”

Ainda tratando de família, para Sarti (1995):

A família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social. (SARTI, 1995)

Apesar de exercer papel fundamental para que as crianças e adolescentes tenham a possibilidade de pertencerem e transitarem em outros grupos sociais mais amplos, nem sempre a família sozinha consegue cumprir estas tarefas básicas para com os seus membros, pois o contexto brasileiro é marcado por desigualdades sociais e má distribuição de renda que afetam de forma direta e drástica a vida das populações mais carentes e menos escolarizadas. Trabalho, renda, educação, moradia, transporte, saneamento, saúde, meio ambiente, cultura e lazer são elementos de ordem econômica e social que contribuem para que muitas famílias não consigam manter seus filhos(as) de forma digna.

Conseqüentemente a ausência dos fatores citados acima, acabam influenciando pra que muitas crianças e adolescentes saiam de suas casas para a rua buscando de alguma maneira suprir o que não lhes foi dado. E é aí que o estado e as políticas públicas precisam agir de forma efetiva para recuperarem ou evitar que estas famílias e crianças vivam abandonadas a própria sorte enfrentado os perigos existentes nas ruas.

Por isso o ECA e os diversos programas sociais devem além de existir, serem ofertados a estas pessoas para que haja uma melhora ou uma solução afim de que sigam suas vidas de forma digna e com mais qualidade longe da rua, das drogas e da criminalidade.

2.5 PAPEL OU ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

O papel do pedagogo é fazer com que exista um processo educacional com eficiência, a partir de toda bagagem intelectual que o mesmo adquiriu ao longo da sua vida acadêmica. Não muito diferente da função do professor;

Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista, objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica. (LIBÂNEO, 2001a, p.44)

Assim, se a pedagogia estuda as práticas educativas tendo em vista explicitar finalidades, objetivos sociopolíticos e formas de intervenção pedagógica para a educação, o pedagógico se expressa, justamente, na intencionalidade e no direcionamento dessa ação. Esse posicionamento é necessário, “porque as práticas educativas não se dão de forma isolada das relações sociais, políticas, culturais e econômicas da sociedade” (Libâneo, 2004).

Contudo, perante a formação do profissional pedagogo, surge a questão de como reconhecer a sua real identidade. Ela é identificada por Libâneo como todas as atividades voltadas para o ato educacional. “A identidade profissional do pedagogo reconhece, portanto, na identidade do campo da investigação e na sua atuação dentro da variedade de atividades voltadas para o educacional e para o educativo.” (LIBÂNEO, 2001, p.47).

Para isso, de acordo com Castro (2020) na Revista do III Conedu, faz algumas observações quanto a pedagogia em espaços não-escolares:

Por sua vez, a pedagogia no espaço não escolar é um componente importante no que se refere à educação. A valorização de forma recente e o desenvolvimento dessa nova tendência pedagógica têm mostrado e deixado em evidência a necessidade da participação do pedagogo em ambientes educacionais. Vale salientar que devido à valorização social do conhecimento, os pedagogos tornaram-se bem

requisitado em espaços, porém muito ainda se questiona sobre a atuação desses profissionais em instituições não escolares.

O pedagogo deverá ser um profissional capacitado para lidar com fatos e situações diferentes da prática educativa em vários segmentos sociais e profissionais. Além da visão humanística já assimilada na academia, o pedagogo possui competências e habilidades para trabalhar em processos de coordenação, planejamento, execução e avaliação em instituições empresariais. (CASTRO, 2020)

Estas transformações contemporâneas o autor Brandão (2006, p. 7) as define da seguinte forma:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: Para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar, para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação. (...) não há uma forma única, nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática. (BRANDÃO, p. 7, 2006)

Segundo Gonh (2006) “a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados. A informal são aquelas em que os indivíduos aprendem no processo de socialização, carregadas de valores sociais”. A educação não formal é aquela que se aprende no “mundo da vida”, com os processos de compartilhamento de experiências. Entendemos então, que a educação não se restringe apenas ao espaço escolar como método tradicional, mas também se expande de forma corriqueira nos ambientes como o setor hospitalar, nos recursos humanos de empresas em órgãos de setores judiciário, dentre outros.

O fazer pedagógico no espaço não escolar está diretamente relacionado às atividades que envolvem trabalho em equipe, planejamento, formação pessoal, orientação, coordenação, sendo que o objetivo principal desse fazer está direcionado às transformações dos sujeitos envolvidos na prática pedagógica. Levando em consideração todo esse contexto, o pedagogo, como uma forma de afirmação da ocupação destes espaços estranhos à escola, não deve se ocultar, portanto, deve capacitar-se cada vez mais, a fim de ser reconhecido através de sua atuação técnica, e isso envolve desenvoltura e prática de suas assimilações no decorrer da academia. (REVISTA III CONEDU)

Frison (2004, p.88) discute o lugar da educação afirmando que:

Na escola, na sociedade, na empresa, em espaços formais ou não formais, escolares ou não escolares, estamos constantemente

aprendendo e ensinando. Assim, como não há forma única nem modelo exclusivo de educação, a escola não é o único em que ela acontece e, talvez, nem seja o mais importante. As transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno multifacetado, que ocorre em muitos lugares, institucionais ou não, sob várias modalidades. (FRISON, p.88, 2004)

Conclui-se que, a educação sofreu e ainda sofre mudanças, deixou apenas de ser vista como atuante nas áreas escolares formais, para ser possível sua concretização em outros ambientes, abrindo novos caminhos para o futuro educacional.

3.0 METODOLOGIA

Neste processo, evidencio quais os métodos para realizar a pesquisa, os instrumentos usados para a coleta de dados, o cenário e os indivíduos participantes da investigação. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 80):

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros - traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (LAKATOS E MARCONI, 2003, p.80)

Desse modo, a construção deste trabalho seguiu o caminho de uma abordagem qualitativa, numa perspectiva dialética que permitiu um olhar apurado, contextualizado sobre o fenômeno, as fontes de estudos, o ambiente e os sujeitos envolvidos.

Um dos pontos principais para o desenvolvimento desse projeto foi a escolha do ambiente, neste aspecto cita Gil (2002, p. 99), “os sujeitos de um experimento desenvolvem suas ações em determinado ambiente. Esse ambiente deverá, portanto, proporcionar as condições para que se possa manipular a variável independente e verificar seus efeitos nos sujeitos”.

O estudo é de natureza qualitativa como já foi dito e se configura num estudo de campo. Discorrendo sobre a modalidade que utilizaremos, o estudo de campo Gil (2002, p.53) cita:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado. (GIL, 2002, p.53)

As técnicas e instrumentos de coleta de dados foram: a observação participante, diário de bordo, anotando e descrevendo em um caderno tudo que foi vivido nos dois primeiros momentos da pesquisa, que aconteceu durante dois semestres anteriores no orfanato Rosa Menina. As palavras ditas, ouvidas pelo pesquisador e pesquisados, as posturas, atitudes, as reações das crianças e adolescentes, e do pesquisador diante das situações que ocorreram, a partir da observação das atividades realizadas no campo de pesquisa. Souza (1999) nos mostra como faz um diário de bordo.

[...] um registro feito no dia-a-dia de acontecimentos e eventos cotidianos, ordinários e extraordinários, a partir da nossa observação participante da vida social dos grupos e instituições que queremos estudar, compreender e/ou mudar. Com esse instrumento metodológico, é possível descrever (num caderno) nossa própria atuação na realidade que vivemos [...] anotar com detalhes nossas ações e as ações dos parceiros com quem interagimos (no caso alunos em sala de aula, a comunidade dos trabalhadores do campo, etc.) [SOUZA, 2012, p. 16].

O espaço Rosa Menina é localizado no bairro Country Club em Juazeiro/BA e abriga 8 crianças sendo elas: 2 bebês, 4 crianças maiores e 2 adolescentes, as crianças estudam em escolas próximas a instituição e durante o turno oposto ao da escola, tem atendimento e supervisão de equipe multidisciplinar.

No segundo momento da pesquisa, iniciei a construção da monografia, a partir das orientações, juntamente com o professor Josenilton Nunes, que, ao tomar conhecimento da intenção em visitar ambientes não formal, indicou os dois últimos projetos que complementou o caminho da construção da pesquisa. A partir de então, foi utilizado como técnica e instrumentos de coleta de dados: entrevistas com os profissionais que atuam diretamente no projeto, a observação, e anotações de todas as ações pertinentes, que me ajudaria na construção e análise dos conceitos e comportamentos das crianças e adolescentes e profissionais envolvidos.

Estes dois últimos projetos complementares foram: A Casa Dom José Rodrigues, localizada atualmente no bairro Piranga na cidade de Juazeiro-BA existente desde de outubro de 2021. O projeto atende crianças e adolescentes de 7 a 17 anos no contra turno da escola, na sua maioria pertencentes a famílias em situação de vulnerabilidade que residem nos bairros que estão ao

redor da Casa e bairros circunvizinhos, e o projeto social desenvolvido pelos Lions Club em parceria com CRAS - BA – através da atuação do professor Wellington, que tem como objetivo geral: disponibilizar um espaço de educação musical e viabilizar a sensibilidade e criatividade humana por meio da linguagem artístico-musical.

A tabulação dos dados, foi feita através da seleção das informações coletadas que melhor atenderam ao que se pretendeu com os objetivos da pesquisa como: análise de documentos das instituições, fotos, visitas, entrevistas, atividades e anotações em geral. A análise de dados foi feita, através do cruzamento das informações coletadas e a fundamentação teórica que atenderam ao tema e ao problema da pesquisa.

CRONOGRAMA

ETAPAS	SET/ 2022	OUT/ 2022	NOV/ 2022	DEZ/ 2022	JAN/ 2023	FEV/ 2023	MAR /2023	ABR/ 2023	MA/ 2023
Escolha do tema	X								
Levantamento bibliográfico		X	X	X					
Elaboração do projeto		X	X						
Apresentação do projeto			X						
Coleta de dados			X	X					
Análise dos dados				X					
Organização do roteiro/partes				X					
Redação do trabalho				X					
Revisão e redação final				X					
Entrega da monografia				X					

Defesa da monografia				X					
-----------------------------	--	--	--	----------	--	--	--	--	--

4.0 REFLEXOES: PROJETO EDUCOMUNICATIVO EM ESPAÇO NÃO FORMAL

Vivemos hoje numa sociedade destacada por mudanças estruturais, uma delas seria a sociedade do midiático marcada por inúmeras possibilidades para educação e aprendizagem, que ponham em prática o uso das diversas tecnologias. Ao falar de educomunicação, notamos que esta deixa o espontaneísmo dos processos comunicativos para refletir sobre ele. Voltando-se para o planejamento de uma ação de pessoas, dentro de um ecossistema, garantindo que os sujeitos sociais envolvidos tenham possibilidade de expressar-se de maneira igual, ou seja, todos os envolvidos são criadores não somente o mediador, essa é a real intenção da educom, que “o todo” sejam os criadores, pois todos são aprendizes, porque todos temos o que socializar, independente de idade, formação acadêmica, ou posição social de cada sujeito.

Dentro dessa perspectiva, nosso ponto de partida para a pesquisa iniciou-se a partir de algumas experiências desenvolvidas durante dois semestres seguidos no espaço não formal Rosa Menina, com o objetivo principal de refletir sobre a infância existente neste espaço, e vivenciá-la através do desenvolvimento de dois projetos educamunicativo: o primeiro no período de maio a julho de 2018 composto por algumas etapas, que foram desenvolvidas ao longo de oito encontros no espaço não formal, tendo como base teórica alguns autores específicos da área, a partir do tema Meu Lugar no Mundo, propondo como produto final a criação de um ebook. E o segundo projeto, desenvolvido de outubro a dezembro de 2018, marcado por seis encontros no espaço, sendo trabalhado a partir do tema 7ª Arte.

Buscamos em nossas ações conhecer as crianças, os adolescentes e como as mesmas se relacionavam umas com as outras e com espaço, promovemos atividades entre os dois projetos como: roda de conversa, oficina de pintura, atividades de arte cultural (cinema, fotografia e esculturas) incentivando-as, através de discussões, a interação dos mesmos e entre todos que estão à sua volta.

4.1 PROJETO MEU LUGAR NO MUNDO

A construção dessa experiência Meu Lugar no Mundo no espaço Rosa menina, proporcionou momentos de ludicidade e troca de conhecimento bastante significativa, acatando as necessidades de cada criança e adolescente e suas diferenças. A pesquisa foi realizada, como já foi dito, no espaço não formal Orfanato Rosa Menina que se constitui como um Projeto instituído pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Prefeitura Municipal de Juazeiro-BA, vinculada a Gerência de Proteção Social Especial-GPSE, que atende e abriga temporariamente crianças/ adolescentes, vítimas de violência doméstica, que sejam encaminhadas por entidades e/ou autoridades competentes. Através da participação de seis discentes da disciplina de educomunicação, orientado pelas professoras Edilane Carvalho Teles e Elis Rejane Santana, buscando no processo compreender os conceitos de infância, crianças protegidas e maus tratos.

Segundo o documento do Centro de Estudo e Assessoria Pedagógica - CEAP – Política de proteção à crianças e adolescentes:

O maltrato infantil pode ser um ato deliberado, ou pode ser a consequência da falta de ações para a prevenção de danos, estes consistem em qualquer coisa que os indivíduos, instituições ou processos fazem ou deixam de fazer, intencionalmente ou não, que causam prejuízo ao seu bem estar, dignidade e a prospecção de um desenvolvimento saudável para a fase adulta. (CEAP)

Nessa política o documento (CEAP) também define proteção infantil como, “as responsabilidades, medidas e atividades preventivas e receptivas, que o Estado assume para proteger as crianças, garantindo que nenhuma seja submetida a maus tratos, como resultado da sua relação conosco.” O que nos fez pensar sobre o conceito de infância, e a importância do brincar, em meio aos processos de aprendizagem nesse ambiente não formal. Para Souza e Silva (2005):

O maltrato infantil se define como toda forma de violência física, emocional, abuso e/ou exploração sexual, abandono ou negligência, exploração comercial, ou qualquer outro tipo de exploração cometida contra uma criança, que resulte em dano real ou potencial para uma criança. (SOUZA E SILVA, 2005)

O Estatuto da Criança e do Adolescente, por sua vez, tem por objetivo tutelá-los de forma ampla, dispondo sobre direitos infanto-juvenis, formas de

auxiliar sua família, tipificação de crimes praticados contra crianças e adolescentes, infrações administrativas e tutela coletiva, compreendendo, deste modo, a doutrina do superior interesse da criança, bem como da proteção integral, ambos princípios consagrados pela Convenção dos Direitos da Criança de 1989.

Ainda dentro de um sistema Global de Direitos Humanos, a Declaração dos Direitos da Criança – ONU traz o como fundamento para sua existência digna a necessidade de uma infância feliz estabelecendo que, para tanto, a criança

(...) possa gozar, em seu próprio benefício e no da sociedade, os direitos e as liberdades aqui enunciados e apela a que os pais, os homens e as melhores em sua qualidade de indivíduos, e as organizações voluntárias, as autoridades locais e os Governos nacionais reconheçam estes direitos e se empenhem pela sua observância mediante medidas legislativas e de outra natureza, progressivamente instituídas (...) (ONU, 1959)

Por tais razões, segundo Guilherme de Freire de Melo Barros (2016) “o sistema de proteção infanto-juvenil pode ser compreendido como um conjunto amplo de mecanismos jurídicos voltados à tutela da criança e do adolescente. Logo, todas as políticas públicas, decisões administrativas e judiciais voltadas para seus destinatários devem observar o superior interesse da criança, fazendo com que os operadores do Direito busquem a solução que proporcione o maior benefício possível e que dê concretude aos seus direitos fundamentais.”

Buscamos construir a pesquisa dividindo as etapas em encontros semanais, a cada etapa o processo de construção da aprendizagem, ia sendo transformado e criado pelo meio e por todos. Desenvolvemos atividades que identificasse a identidade dos sujeitos minimizando os danos pessoais causados a infância desses sujeitos, assim como formas que garantissem seus direitos primários e fundamentais as crianças e aos adolescentes investigados, refletindo essas atividades para a compreensão do eu e do mundo e então produzir sentido a partir das atividades realizadas através do meio tecnológico ebook;

O primeiro encontro-10/05/2018: Conhecemos o ambiente, os funcionários e as crianças; realizamos roda de conversa para definir

conjuntamente o que seria projeto e como seria realizado. Propomos a dinâmica do chocolate com o nome de cada criança para que os mesmos falassem uns dos outros, exibimos um vídeo animado do sapinho com a intenção de incentivar os mesmos a não desistir diante das dificuldades. Finalizamos a noite com a escuta de músicas escolhidas pelos autores;

O segundo encontro-17/05/18: Realizamos brincadeiras educativas e atividade de pintura espontânea escolhidas por eles estimulando a criatividade; e músicas cantadas pelos mesmos identificando a identidade dos indivíduos;

O terceiro encontro-24/05/2018: Proporcionamos cineminha no espaço não formal através do projetor (Filme: Divertida Mente);

O quarto encontro-07/06/2018: novamente inserimos o meio tecnológico cinema em outro ambiente externo (Local: Juá Garden Shopping - filme: Gnomeu e Julieta: O mistério do Jardim);

O quinto encontro-14/06/2018: Elaboramos a linha do tempo das etapas já realizadas, com a pintura e descrição deles do que já foi produzido, logo após nos juntamos em uma roda de conversa sobre os filmes, buscando comparar as ideias e experiências, finalizamos esse encontro com a leitura de conto infantil escolhidos pelas crianças;

O sexto encontro-21/06/2018: Culinária produzida pelas crianças, leitura de conto infantil, confraternização de todo o grupo;

O sétimo encontro-28/06/2018: Montagem do livro, através do projetor, estimulando a criatividade deles, para o produto final ebook;

O oitavo encontro em julho: Fechamos com brinquedoteca utilizando tinta guache, pinceis, brinquedos, lembranças e entrega do ebook impresso para cada criança.

Participar desse projeto educacional em um espaço não formal, foi extremamente rico, um misto de sentimentos e emoções a cada encontro. Conseguimos alcançar ações que propuseram momentos que nos fizeram refletir o nosso papel enquanto educadores, e incentivando a compreensão da identidade dos sujeitos e o seu lugar no mundo, sobretudo ao mesmo tempo realizando atividades educacionais em que proporcionou a participação de

todos, e que eles se sentissem importantes, e através das atividades realizadas os mesmos se apropriaram dos conhecimentos, sendo assim, uma abertura para desenvolver os aspectos que promovam a educomunicação nesse ambiente.

4.2 PROJETO 7º ARTE

A proposta da pesquisa no espaço não formal Rosa menina, surgiu novamente no semestre seguinte, com a intenção de estruturar e aprofundar os conceitos já absorvidos pela ação do projeto anterior Meu Lugar no Mundo. A pesquisa foi vivenciada por 4 discentes do departamento de ciências humanas, alunas de pedagogia e da disciplina de Didática e tecnologias, tendo como professora orientadora Edilane Teles.

Nesse momento nossa ação concentrou-se na análise dos processos de infância e adolescência, que refletisse as relações umas com as outras no espaço. Propomos conhecermos atividades de arte cultural como cinema, fotografia e esculturas para observar e compreender os processos de interação com os pares a sua volta.

Nesse momento nos aprofundamos nos conceitos de educomunicação, a importância do brincar, entendo o conceito de cinema e 7ª Arte tendo este, como tema principal.

O brincar é uma característica da infância que por meio desta a criança aprende, ensina e pode compreender muita coisa à sua volta. É no ato do brincar que observamos o processo de desenvolvimento cognitivo e motor da criança, sobre o qual de acordo com Ferreiro (1998) “o ato de brincar é uma necessidade humana. É divertir-se e entreter-se infinitamente em jogos de criança”

No entanto, quando a criança brinca ela cria situações imaginárias que possibilitam lidar com os conflitos da vida real sem que este cause traumas, assim fantasiar situações cotidianas, ajudam a compreender o real possibilitando a construção de sua visão de mundo. Contudo a brincadeira tem que permear toda trajetória da infância.

[...] Quando a criança brinca, ela cria uma situação imaginária, sendo esta uma característica definidora do brincar em geral. Nesta situação imaginária, ao assumir um papel a criança inicialmente imita o comportamento do adulto tal como ele observa em seu contexto (CERISARA, 2008, p.130).

Nesse contexto, Vigotsky (2007, p.122) afirma que a criança é capaz de ir além no simples ato de brincar e isso tem que ser oportunizado diariamente e naturalmente pela escola, família e em outros espaços, ou seja “a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brincar, é como se ela fosse maior, do que ela é na realidade”.

Diante do exposto, podemos considerar que as brincadeiras são de suma importância para o desenvolvimento da criança e para com o respeito a infância sendo esta, um direito garantido por lei e uma necessidade na construção da identidade do sujeito. Desse modo iniciamos nossas atividades no espaço no dia 03 de outubro, uma quarta-feira para conhecer o ambiente, os funcionários e as crianças. Fizemos uma roda de conversa para apresentação e conhecer melhor cada um, o que gostavam de fazer, o que queriam fazer, que nunca fizeram antes, e conto e reconto de histórias caracterizadas de fantasias simples para aguçar a ludicidade, posteriormente definimos de forma conjunta o que seria o projeto, a partir dos desejos e como seria realizado, e por fim entregamos chocolates para as crianças.

Como proposta principal, levamos em todas as atividades, a educação como sendo o caminho para se percorrer, pondo em prática o uso das diversas tecnologias. Sobre o conceito de tecnologia Veraszto (2004) afirma:

O significado original do termo techné tem sua origem a partir de uma das variáveis de um verbo que significa fabricar, produzir, construir, dar à luz, o verbo teuchô ou ticein, cujo sentido vem de Homero; e teuchos significa ferramenta, instrumento (TOLMASQUIM, 1989; LION, 1997). A palavra tecnologia provém de uma junção do termo tecno, do grego techné, que é saber fazer, e logia, do grego logus, razão. Portanto, tecnologia significa a razão do saber fazer (RODRIGUES, 2001). Em outras palavras o estudo da técnica. O estudo da própria atividade do modificar, do transformar, do agir (VERASZTO, 2004; SIMON et al, 2004a).

O segundo encontro no dia 17 de outubro, iniciamos com uma conversa sobre a semana deles, e a sugestão do título do projeto como 7ª Arte, já que os mesmos disseram que adoram filmes, e seguiu com a aceitação de todos. Logo fizemos uma breve explicação do que é 7ª Arte e como ela é feita, assim como também compreendemos o conceito de tecnologia em uma roda de conversa. Após isso, como primeira vivência do projeto, levamos o filme “A fuga das galinhas” acompanhado de muita pipoca e refrigerante, para posteriormente conversarmos sobre a composição do filme e as próximas proposições. Mas, o que é que cinema tem a ver com educação? De acordo com Duarte (2002, p. 17):

É inegável que as relações que se estabelecem entre espectadores, entre estes e os filmes, entre cinéfilos e cinema e assim por diante são profundamente educativas. (DUARTE, 2002, P. 17)

O cinema é um espaço de ensino e aprendizagem trazendo grandes importâncias e complexos culturais em diferentes contextos, dessa forma Napolitano (2005) diz que o cinema possibilita os indivíduos “[...] a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.” (NAPOLITANO, 2005, p. 11).

A arte tem que ser apresentada para crianças como uma possibilidade de construção de saber e também divertimento pra mesma, oportunizando a vivência das diversas formas artísticas, e reconhecer a diversidade do sujeito valorizando as várias culturas, no entanto, para o educador é um recurso pedagógico a ser trabalhado em prol da aprendizagem do aluno.

A elevação da criatividade também é facilitada pela 7ª Arte. Qualquer que seja a forma como a criança se sinta confortável em expressar seu talento artístico, deve ser considerado como sendo importante para seu raciocínio e visão de mundo. Dessa forma as artes, e principalmente o cinema, refletem de maneira positiva na sua imaginação, e na forma de visualizar o mundo além do perceptível demonstrando a capacidade de imaginar, criar, sugerir e produzir o que vier na sua mente.

Terceiro encontro no dia 24 de outubro conversamos sobre a semana deles, e conforme abordado no encontro anterior, realizamos duas oficinas: uma de massinha de modelar e outra de fotografia, afim de que pudéssemos ter material e ferramentas para a gravação do nosso stop-motion. Após a produção da massinha, produzimos esculturas e fotos de todo o processo. Por fim, tivemos lanche coletivo e conversa sobre as oficinas e sobre o próximo encontro.

O Stop Motion permite a realização de animações, partindo de várias imagens fixas que, ordenadas e com certa frequência, originam o movimento. Como técnica, o stop motion trata-se da utilização da fotografia em sequência, dando a ideia de movimento à peça. A utilização desta aplicação pressupõe a sua instalação no terminal, que pode ser um computador, tablet ou smartphone, desde que tenha uma câmara incorporada ou instalada. A aplicação contém diversas ferramentas de auxílio, sendo a sua utilização muito intuitiva. Existem duas versões, uma mais básica e gratuita e outra mais complexa, paga, mas com uma vertente mais profissional. (TUTORIAL DE STOP-MOTION)

O quarto encontro no dia 31 de outubro novamente conversamos sobre a semana deles, exibição do filme “Descendentes”, escolhidos pelas adolescentes com pipoca e refrigerante conforme combinado no encontro anterior, e oficina de culinária com a receita de docinhos.

O quinto encontro no dia 14 de novembro começamos com uma conversa sobre a semana deles, e mais uma roda de conversa sobre a 7ª Arte, ouvindo o que eles aprenderam ao longo dos encontros, e posteriormente foi feita uma pesquisa para formarmos um conceito coletivo sobre o que é a 7ª Arte para eles. A finalização foi com lanche coletivo.

E o nosso último encontro foi no dia 05 de dezembro finalizamos com uma última conversa sobre a semana deles, e realizamos a culminância do projeto com exposição dos produtos feitos por eles: fotografias, cartaz coletivo e apresentação final do stop-motion e muita pizza a pedido das crianças para o lanche.

Diante das propostas realizadas, foi possível perceber algumas questões que se torna importante nesse processo. Primeiramente notamos uma carência afetiva por parte das crianças. Nas visitas ao espaço sempre que chegávamos era uma festa, muitas reações que caracterizavam escassez de afeto, como

abraços, beijos, gritos, pulos de alegria, eles desenvolveram um carinho imenso por nos estudantes. Percebemos que as pessoas que estavam destinadas a cuidarem das crianças, não tinham esse afeto pela as mesmas, o que pode justificar essa carência, pois estes são um dos poucos adultos a terem contato com elas. Sempre que estava próximo de finalizarmos nossas atividades no espaço, elas diziam “que não queriam que fossemos” pediam para que “ficássemos”. Realmente é nítido, a falta que o convívio da família faz para elas.

Ao longo das etapas, podemos perceber a partir das atividades, a dificuldades da maioria deles de se expressar e a falta de habilidade de interpretação, assim como dificuldade no diálogo. Muitas das perguntas que fazíamos, por exemplo, eles não entendiam, ou não sabiam a resposta, ou ainda não sabiam expressar as respostas, mesmo sendo algo do seu convívio diário, isso nos inquietou durante essa vivência. Também podemos perceber a falta da ludicidade, um pouco de resistência as leituras infantis, as brincadeiras e todo o “ser criança” foi difícil de enxergar.

Mas nas atividades propostas, buscamos resgatar ou introduzir nelas essa essência e estimular a ludicidade promovendo essas atividades de arte cultural como: cinema, oficina de massinha, oficina doce, leitura infantil, brincadeiras, oficina de fotografia, entre outros na busca por superar essas e tantas outras dificuldades.

4.3 PROJETO CASA DOM JOSE RODRIGUES

Para Gil 2002 “o processo de pesquisa resulta da fina e apurada percepção do mundo, sistematizado por meio de uma atitude metódica que efetua no texto produzido uma comunicação do olhar posto, com a atenção sobre determinado objeto investigativo”. Assim tanto o processo da construção da pesquisa, quanto o processo de investigação do objeto, fazem parte de um mesmo exercício interpretativo que busca penetrar nas relações socialmente construídas para compreendê-las, explicá-las e interferir em sua constituição.

Nesse novo momento, na busca por sistematizar e fazer uma leitura dos múltiplos âmbitos educacionais, que se pôde encontrar experiências educacionais, fui apresentada com mais dois projetos, que me proporcionou conhecer a funcionalidade da educação em meio a projetos sociais. Irei discorrer sobre essa observação, que foi feita no Projeto Casa Dom Jose Rodrigues e o trabalho social feito pelo professor Wellington através da associação Lions Clube de Juazeiro-Bahia.

A Casa Dom José Rodrigues, localiza-se atualmente no bairro Piranga na cidade de Juazeiro-BA existente desde de outubro de 2021. A Casa pertence à Diocese de Juazeiro e foi adaptada para abrigar um Projeto social voltado para crianças e adolescentes. Este Projeto, tem por finalidade a formação integral da criança, adolescente e jovem para a participação e cidadania, desenvolvendo o protagonismo e autonomia dos sujeitos, despertando para a vivência dos valores humanos e cristãos, pertinentes a vida do ser humano. Hoje tendo como responsáveis as irmãs Edjane Carneiro como diretora presidente, Antonélia Oliveira como vice presidente, Edileusa Custódio como secretaria e Maria Gorette Costa como tesoureira, assim como a ajuda de outros voluntários.

“Uma casa que busca fazer o bem à juventude” afirma a irmã Edjani. Para ela “Nesse espaço as crianças e jovens são acolhidos e através das artes, dos esportes, do acompanhamento personalizado e também dos estudos, aqui eles poderão alimentar seus sonhos e criar possibilidades de vida” (ENTREVISTA, IRMA EDJANI). Ela explica também, que a intenção do projeto é “prevenir”, ‘chega antes’, antes que a droga e a violência, e a melhor

maneira da gente chegar antes na vida destes jovens, é cativá-los, envolvê-los através daquilo que as crianças e os adolescentes gostam. Chegar antes da prostituição, exploração sexual, drogas e todo tipo de violência, e assim trabalhar de maneira que favoreça a integração social. Portanto, esse projeto tem o objetivo de desenvolver atividades que favoreçam a promoção dos direitos da cidadania e o acompanhamento no desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e jovens, em situação de vulnerabilidade social, garantindo as prioridades socioeducativas no contra turno da escola regular como: atividades esportivas, teatro, danças, reforço escolar, musicalidade, oficinas de leituras, ludicidade, trabalhos artesanais, atividades recreativas, cursos profissionalizantes.

Portanto, trata-se de uma instituição que visa acolher pessoas e famílias cujas oportunidades sociais, culturais, representam para elas um histórico de negação. Por este e outros motivos, acredita-se que a proposta apresentada vem como uma ação que ajuda na diminuição dessas necessidades, por se apresentar de forma lúdica e prazerosa, fazendo com que estes indivíduos se sintam agente do seu próprio conhecimento e da sua capacidade de mudança e transformação pessoal, proporcionando a construção do conhecimento e visando a transformação social e educacional.

4.4 PROJETO SOCIAL- LIONS CLUB - PROFESSOR DE MUSICA WELLINGTON

A observação segue com o conhecimento do projeto social desenvolvido pelos Lions Club em parceria com CRAS - BA – através da atuação do professor Wellington. A associação Lions Club, é uma organização não governamental que se dedica ao desenvolvimento de ações que visam, a defesa de causas relacionadas aos direitos humanos, direitos de grupos minoritários étnicos, assim como outros direitos difusos e coletivos beneficentes, em prol de grupos socialmente desfavorecidos, promovendo atividades ligadas à cultura e à arte beneficiando esses grupos sociais que tenham interesse nas atividades como forma de lazer, entretenimento e cultura.

Wellington da Silva Freire com idade de 31 anos, desenvolve esse trabalho voluntário desde de 2005. Em 2009, ano que saiu da sua cidade natal, Remanso- BA, começou seu trabalho na cidade de Juazeiro-BA se aprofundando no meio social através do trabalho com a música. Segundo o professor, ele é resultado de projetos sociais que o formou e capacitou aos conhecimentos hoje adquiridos, de como manusear instrumentos musicais e transmitir esses conhecimentos para crianças e adolescentes. A música para Wellington foi um pilar de transformação em sua história, pois sendo tímido e retraído quando criança, recebeu esse estímulo, no desenvolvimento de capacidades como liderança, autonomia, intrepidez, comunicação aguçada e uma mudança de olhar interno e externo, trazendo para si um entendimento da sua identidade, de si para o mundo. Para Gomes (2005):

A mudança social é o esforço consciente para contrabalançar injustiças sociais, econômicas e políticas que afetam grupos populacionais mais marginalizados, pobres e vulneráveis, incluindo o acesso a bens, recursos e serviços. A mudança social ocorre muitas vezes como resultado da ação intencional de atores sociais, animados por determinados programas e projetos de alteração deliberada de certos ou todos os aspectos das estruturas sociais. (GOMES, 2005, p 13).

O presente projeto, apresenta a música como instrumento de colaboração na formação da autoimagem, da autoestima e de valores pertinentes ao indivíduo. Favorece trabalhar comportamento saudável e de convivência social humanizada. Visa também o afastamento de situações de risco social, difundindo a música como alternativa profissional, através da formação em diversos gêneros e ritmos musicais, buscando desenvolver as aptidões e habilidades para execução da linguagem musical.

De lá para cá, esse trabalho cresceu e alcançou inúmeras crianças adolescentes em vários bairros da cidade. Hoje Wellington atua em 3 instituições ao longo da semana, dando 2 horas por aula, duas vezes por semana, alcançando em média 190 crianças através da Casa Dom Jose Rodrigues, a Casa do Menor e a Fundação Lar Feliz, todas enquadradas como instituições que atuam como projetos sociais.

O mesmo segue uma linha de aprendizagem, que o aluno adquirindo as habilidades gradualmente, esteja sendo destacado sendo precursor do ensino através da música, para os novos alunos que estejam inseridos futuramente no projeto, sendo estes nomeados a estagiários durante o curso. Proporcionando nesse individuo um caminho para trilhar, trazendo uma perspectiva de vida que muitos que chegam até o projeto, não teriam essa oportunidade devido a situação socialcultural em que vivem.

Os novos professores do século 21, chamados por Pierre Lévy de "Arquitetos Cognitivos", precisam se apropriar destas novas tecnologias com segurança e conhecimento, de forma favorável a seus alunos, permitindo maior variedade nos processos de ensino e aprendizagem e tornando-se criadores de ambientes de aprendizagem, utilizando os novos meios que surgiram e que continuam evoluindo. (SOUZA, 2012, p.16).

As ações e intenções do projeto propõe, viabilizar a sensibilidade e criatividade humana por meio da linguagem artístico-musical utilizando o aprendizado musical como meio de desenvolvimento humano na construção da cidadania de crianças e adolescentes, em situação de vulnerabilidade social. Nesta perspectiva, o educador-pedagogo deve ser visto como um agente a serviço da evolução da vida, através da organização objetiva e subjetiva da aprendizagem

5.0 CONCLUSÃO

A vivência possibilitou uma nova experiência em campos de educação não formal, a pesquisa levou em conta a prática da educomunicação nesses espaços. Antes de iniciar nesses espaços, tinha apenas ido aos campos formais de educação, a partir de então foi possível perceber a diversidade de espaços que pode ser possível mediar a educação fora das quatro paredes da escola. Levei um pouco de mim para aqueles sujeitos e ficou um pouco de cada um deles em mim.

Em relação aos projetos que consegui fazer em conjunto com os sujeitos, na casa de acolhimento Rosa Menina que chamados de: Meu Lugar no Mundo e 7ª Arte, foi possível perceber após alguns encontros, os sujeitos mais abertos, receptivos, comunicativos, trabalhando de forma coletiva e com mais facilidade. Foi possível constatar também avanços educacionais e sociais em comparação com as posturas anteriores ao projeto, os mesmos se apropriaram dos conhecimentos, dando abertura para que fosse desenvolvido os aspectos que promovessem a educomunicação. Por fim posso afirmar que foi possível conhecer as crianças e os adolescentes através das atividades, atividades essas de arte cultural, incentivando-os através de discussões a interação das crianças e adolescentes, com a intenção de propor valores, ajudando a constituir modos de ver, perceber, sentir, conhecer, reorientando práticas, e configurando padrões de sociabilidade.

Nas quatro experiências destacadas nessa pesquisa, foi possível e notável perceber o quão importante é o papel do pedagogo nesses espaços. Os projetos sociais Casa Dom Jose Rodrigues e o Projeto desenvolvido pelo professor Welligton tem um peso educacional e transformativo surpreendente, consegui perceber crianças e adolescentes com interesse em seus olhares, preocupação em aprender, se desenvolver e crescer. Crianças que em seus ambientes familiares jamais teriam essa perspectiva, pelo fator social ser precário, segundo a Irma Edjani, são crianças que vem de um quadro social de pais recicladores, doméstica, muitos fazem apenas, no dia, aquela refeição que é oferecida no espaço e sem quaisquer histórico educacional que pudesse transformar essa perspectiva para eles. Detectei também, atividades educacionais que os mesmos trouxeram seu dia a dia para dentro da

instituição, sobre isso Irma Edjani comenta:” Fizemos uma atividade sobre o livro “do lixo ao luxo”, e um dos alunos que o pai é reciclador, se sentiu participante, ele tinha vergonha de falar sobre a profissão do pai, mas a partir desse dia ele conseguiu notar a importância de se transformar o lixo” (Irma Edijani, entrevista).

Através dessas e outras experiências, foi possível constatar a capacidade de ressignificar os valores e vidas nestes espaços, assim como também, foi notável o poder da educomunicação para transformar o dia a dia dessas crianças e adolescentes. Através da música o Professor Wellington desenvolve habilidades que na sala de aula talvez se tornasse mais distante. A pedagogia em meio a música, criando nos alunos um cunho de responsabilidade de aprender para ensinar, trazendo nas entrelinhas da música o ensino-aprendizagem que tanto buscamos nas cadeiras da escola. Sai dessas experiências convicta, de que a pedagogia e a educomunicação estão presentes em ambientes não formal de educação e esses ambientes assim como a educação formal precisa ser postos com um nível de importância igualitária, elas exercem e acessam áreas de desenvolvimento educacional, cultural e social, necessárias para construção de indivíduos sólidos que, a partir de então, iram conseguir produzir e difundir os conhecimentos em meio a nossa sociedade.

A pesquisa desenvolveu em mim um olhar mais generoso para esses ambientes sociais desfavorecidos, um olhar que provoca o desejo de mudança, de ser a gente transformador, que de alguma forma, fomente educação como ação ativa de mudança em ambientes não formal. Fico feliz em contribuir através dessa pesquisa para o departamento e para demais estudos, ressaltando que a educomunicação é efetiva e verídica, e que o pedagogo potencializa seus trabalhos e suas dinâmicas em meio a esse viés da educação.

REFERÊNCIAS

- 1- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.: il. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853.pdf>. Acesso em 15 out. 2022
- 2- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, Zahar,1981.
- 3- BARROS, Guilherme de Melo Freire. Estatuto da Criança e do Adolescente / coordenador Leonardo de Medeiros Garcia – 10ª ed. Ver., atual. e ampl. – Salvador: Juspodivm, 2016.
- 4- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 7.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- 5- BRASIL. Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988.
- 6- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13/7/90. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos: 2006** / Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2006, 56 p.
- 7- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13/7/90.
- 8- CASTRO, Paula Almeida de. Avaliação: Processos e Políticas. Campina Grande: Realize eventos, 2020. 3 v. – 1940 p. : il. Disponível em file:///C:/Users/jeo-m/Downloads/010720201152_E-BOOK-3--VI-CONEDU.pdf. Acesso em 10 set. 2022.
- 9- Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica – CEAP. **Política de Proteção a Crianças e Adolescentes**. Documento. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/15Y3CjbXDU-ZyEjANe9yv6AzUeZqfdbEr/view>> Acesso em 15 de ago. 2022.
- 10- CITELLI, Adilson Odair. COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- 11- CITELLI, Adilson Odair. COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- 12- Declaração dos Direitos da Criança. ONU. 1959. Preâmbulo.
- 13- Estatuto da Criança e do Adolescente / coordenador Leonardo de Medeiros Garcia – 10ª ed. Ver., atual. e ampl. – Salvador: Juspodivm, 2016. p. 21
- 14- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- 15- FERREIRO. **O brincar e suas Teorias**. São Paulo: Pioneira 1998.
- 16- FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **O pedagogo em espaços não escolares: novos desafios**. Ciência. Porto Alegre: n. 36, p. 87-103, jul./dez. 2004

- 17-GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view> Acesso em 22 set. 2022.
- 18-GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**. 4 ed, [S.], Editora Atlas, 2005, p. 100._____. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- 19-GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**. 4 ed, [S.], Editora Atlas, 2005, p. 100._____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- 20-GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010. v. 1.
- 21-GOHN, M. G. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. Avaliação | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1> Acesso em 17 Novem 2022.
- 22-GOHN, M. G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf> Acesso em 19 Agos. 2022.
- 23-GOMES, Diana Filipa Vicente. A mudança social em projetos de intervenção social pela arte: o caso do projeto Bando À Parte. Coimbra, 2005. Disponível em: <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/29705/1/TESE%20FINAL%20-%20ENTREGA%20FINAL.pdf> Acesso em 27 Out. 2022.
- 24-Jânio Alexandre de Araújo, Ítalo da Silva Noia; Maria Janine Alexandre de Araújo; Jacqueline Dantas Gurgel Veras. **ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO ESPAÇO NÃO ESCOLAR: O CASO DO CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA ESCOLA – CIEE- III CONEDU**. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID8361_12082016111655.pdf Acesso em 16 set. 2022.
- 25-KALOUSTIAN SM, FERRARI M. **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez-Unicef; 1994.
- 26-KUHLMANN JR, Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- 27-KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- 28-LEVIN, Esteban. **A infância em cena - Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor**. Petrópolis, Rio de janeiro: Vozes, 1997
- 29-LIBÂNEO, José C. Educar, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia2/apedagogiaepedagogos.pdf Acesso em: 5 de Jul. 2014.

- 30-LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.
- 31-MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.
- 32-MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.
- 33-MARTIN-BARBERO, Jesùs. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- 34-MARTIN-BARBERO, Jesùs. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014
- 35-MARTIN-BARBERO, Jesùs. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- 36-MOREIRA, Eliana Monteiro; VASCONCELLOS, Kathleen Elane Leal. **Infância, infâncias: o ser criança em espaços socialmente distintos**. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, ano 24, n. 76, p.165-180, nov. 2003.
- 37-NARODOWSKI, M. **Infância e poder: conformação da Pedagogia Moderna** (trad.Mustafá Yasbek) Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.
- 38-OLIVEIRA, Maria de Lourdes B. de. **Infância e Historicidade**. São Paulo: PUC/SP (Tese de Doutorado em Educação) Filosofia da Educação, 1989.
- 39-SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coord.). **Crianças e Miúdos. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação**. Porto. Asa, 2004
- 40-SARTI, C.A. A continuidade entre casa e rua no mundo da criança pobre. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano** 1995; 5(1/2):39-47.
- 41-SILVEIRA, Jacira Cabral da. **Infância na Mídia: sujeito, discurso, poderes**.(Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2000.SYNDERS, Georges. Não é fácil amar nossos filhos. Lisboa: Dom Quixote, 1984.
- 42-SOARES, Ismar de Oliveira. Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP. 2014. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/27.pdf> Acesso em 9 Novem. 2022.
- 43-SOARES, Ismar de Oliveira. Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP. 2014. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/27.pdf> Acesso em 8 Agos 2022.
- 44-SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson Odair. COSTA, Maria Cristina Castilho. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.
- 45-SOUZA, Ana Paula Gestoso, CARNEIRO, Reginaldo Fernando; PEREZ, Silvia Maria; OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro; REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues, OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato. **A escrita de diários na formação docente**. Educ. rev. [online]. 2012, vol.28, n.1, pp. 16
- 46-SOUZA, Geise; SILV , Guilherme; BISCONCINI, Karen. **Negligência e abuso infantil: avaliação, análise funcional e intervenção analítico-**

comportamental. Universidade Estadual de Londrina, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/analisedocomportamento/pages/arquivos/ABUSO%20E%20NEG LIGENCIA%20INFANTIL.pdf>. Acesso em 15 out. 2022.